

Em uma semana de ação brutal, as forças russas deixaram claro como cristal que até mesmo um pouquinho de liberdade é mais do que o comunismo soviético pode tolerar

A Violação da Tchecoslováquia

Havia muito se vinha avolumando a pressão em favor das mudanças dentro da rígida dominação stalinista na Tchecoslováquia. Em janeiro passado, as novas forças que brotavam dentro do comunismo tcheco atingiram o ponto culminante na pessoa de Alexander Dubcek, que alijou do poder o inflexível stalinista Antonin Novotny como chefe do Partido e instituiu uma série de reformas liberais—inclusive a liberdade de expressão e de imprensa, o direito à livre reunião e à crítica, tanto de dentro do Partido como das entidades políticas alheias a ele.

HAVIA SIDO um alegre dia de verão em toda a Europa Oriental. No frescor de uma noite estrelada em Praga, capital da

Condensado de TIME

Tchecoslováquia, a grande Praça Venceslau estava cheia de casais passeando de braços dados. E então, logo depois da meia-noite, os telefones começaram a funcionar. Eram amigos e parentes que habitavam as cidades fronteiriças, que ligavam aflitos para a capital.

Em breve ecoava no céu noturno o ruído de motores a jato; os aviões russos voavam ameaçadoramente baixo. Aos 50min da madrugada, a Rádio Praga interrompeu um programa musical para confirmar o pior: “Ontem, 20 de agosto, por volta das 11 horas da noite, tropas da União Soviética, da República Popular da Polônia, da República Popular da Hungria, da República Democrática da Alemanha e

da República Popular da Bulgária atravessaram as fronteiras da República Socialista da Tchecoslováquia.”

Atacando de surpresa e com vertiginosa rapidez, cerca de 200 000 soldados dos cinco países do Pacto de Varsóvia romperam através da fronteira tcheca para sufocar a experiência de oito meses do regime Alexander Dubcek para humanizar o comunismo. Praga foi atacada primeiro do ar, quando gigantescos aviões de transporte, escoltados por caças a jato MIG, começaram a pousar de minuto em minuto no aeroporto de Ruzyne. Proibidos por seu governo de revidarem com tiros à força esmagadora dos invasores, os tchecos logo estabeleceram um princípio: qualquer coisa que os invasores quisessem, que eles mesmos a fizessem.

O Presidium de Dubcek estava reunido para a sua sessão normal de terça-feira à noite no momento exato em que começou a invasão. Havia novos assuntos urgentes a tratar. Depois de uma trégua de duas semanas, que se seguira à reunião de cúpula com os dirigentes comunistas tchecos na cidade fronteiriça de Cierna, o Kremlin tinha começado de novo a falar grosso. Um artigo de fundo do *Pravda* acusara os tchecos de “perseguição organizada” dos operários pró-soviéticos e renovara a queixa do Kremlin de que Praga não estava controlando as forças “reacionárias” anticomunistas. Além disso, Dubcek havia recebido uma carta de Leonid Brejnev, chefe do

Partido Comunista Soviético, em que era acusado de não haver cumprido os termos do Acôrdo de Cierna.

Em meio à discussão, um oficial tcheco telefonou para dar a notícia de que os soviéticos tinham invadido o país. O Primeiro-Ministro Oldrich Cernik foi quem recebeu o telefonema. “Isto é impossível”, disse êle. Mas, depois de nova chamada do Ministro da Defesa confirmando a primeira, êle desligou, com um grito áspero: “Isto é traição! É deslealdade!”

“Como puderam fazer isto comigo?”, indagava Dubcek, atordoado. Vasil Bilak e Drahomir Kolder, dos poucos conservadores inflexíveis que restavam no Comitê Central, apelaram para que o Presidium colaborasse com os russos. Mas os reformadores mantiveram-se inflexíveis. Cernik saiu para convocar o governo, e foi detido em seu escritório. Dubcek recusou-se a tentar fugir e, justamente com o Presidente da Assembléia Nacional, Josef Smrkovsky, foi prêso em seu gabinete por 15 oficiais soviéticos.

“**Fora, Russos!**” Já era de manhã quando os tchecos, em sua maioria, se deram conta da realidade da invasão, e a essa hora todo o país estava no torniquete do poder soviético. Os longos canhões dos tanques giravam para um lado e para outro nos becos de Praga. Os russos cercaram o palácio presidencial na Colina de Hradcany, colocaram artilharia no alto da Colina de Letna, e

chegaram a colocar seis canhões anti-aéreos junto ao monumento a Jan Hus, símbolo da histórica luta da Tchecoslováquia pela liberdade.

Por tôda parte pára-quedaistas de boinas roxas montavam guarda ao lado das guarnições dos tanques, estas trajando uniforme completo de campanha. No primeiro dia, multidões tchecas envolveram os tanques estrangeiros, gritando: "Viva Dubcek!"; "Fora, russos!" Não tardou que os tchecos comesçassem a fazer perguntas—certamente uma das aca-reações mais curiosas da História entre conquistadores e conquistados. Muitos dos russos—alguns com 18 anos de idade ou menos—pareciam nervosos e olhavam o vazio para evitar um constrangimento maior. Alguns diziam à multidão que estavam na Tchecoslováquia para proteger o povo da "contra-revolução" ou dos "reacionários" da Alemanha Ocidental. Muitos, porém, tinham pouca idéia da sua missão, e mantinham-se na defensiva.

Depois começou a mudar a disposição dos tchecos. Multidões de jovens subiam aos tanques baixos e obrigavam suas tripulações a se esconderem dentro da escotilha. Como trombas de elefantes enxotando mûscas, as tûrres dos canhões giravam às tontas, tentando derrubar os tchecos que gritavam e cantavam e também bombardeavam os veículos com tijolos, pintavam suásticas em seus costados e jogavam lixo sôbre as tampas dos motores quentes para provocar mau cheiro.

Embora os russos tivessem evidentemente recebido ordens de só atirarem se fûssem sèriamente provocados, tinham sido instruídos também para não tolerarem qualquer desafio à sua autoridade. Em Brno, cidade industrial da Morávia, as tropas soviéticas abriram fogo e mataram um operário que zombava dêles. Em Praga, um tanque soviético fêz explodir com fogo de metralhadora um caminhão cheio de operários, decepando a cabeça de um e matando mais três. Um homem de meia-idade e sua espûsa, que carregavam uma bandeira tcheca, assaltaram um pára-quedaista soviético, perto do edifício do Comitê Central em Praga. Um segundo pára-quedaista soviético voltou-se rapidamente e matou o homem a tiros; o sangue encharcou a bandeira, que posteriormente circulou entre a multidão dos protestantes populares como símbolo da brutalidade russa e do heroísmo tcheco. Ao todo, 48 pessoas foram mortas em choques com os invasores e centenas foram feridas.

Mais Forte do que os Tanques. À proporção que o tempo passava, os tchecos iam ficando mais bem entrosados—e mais astutos—em seus esforços para desnortear, paralisar e frustrar os seus invasores. A campanha era dirigida e inspirada pelas emissoras de rádio que continuavam a funcionar secretamente por todo o país, depois que os russos haviam tirado do ar os transmissores oficiais do govêrno. "Não temos armas, mas

nosso desprezo é mais forte do que os tanques”, proclamava uma dessas estações, perto de Bratislava. A emissora sugeria que seus ouvintes “trocassem a posição das placas das ruas, arrancassem os números das casas e retirassem as inscrições dos edifícios públicos”.

E o povo fez exatamente isso. Trocaram tantas placas e sinais da cidade, no intuito de confundir as tropas soviéticas, que seria impossível a um estranho achar o caminho sem consultar um mapa a todo instante. Mudavam também os números e os nomes, nas casas e nos apartamentos, de modo que a polícia de segurança dos soviéticos não conseguia encontrar aqueles que pro-

curava para deter. O Ministério do Interior da Tchecoslováquia já se havia negado a fazer quaisquer capturas.

Os tchecos foram tão espertos que realizaram um congresso especial do Partido, bem nas barbas dos russos, na fábrica de máquinas-ferramentas CKD, num subúrbio de Praga. Mais de 1 200 dos 1 543 representantes, eleitos em julho último para comparecerem ao congresso, então marcado para 9 de setembro, conseguiram chegar ao local secreto do encontro. Muitos entraram disfarçadamente, trajando macacões azuis e exibindo cartões de identidade falsos; outros, cujas fisionomias eram mais conhecidas, foram levados escondi-

A Reação Comunista

CONFORME era de prever, a reação ante o esmagamento da Tchecoslováquia pelos soviéticos foi veemente. E pela primeira vez grandes parcelas do mundo comunista se juntaram à censura.

“O ataque contra a Tchecoslováquia”, disse o Marechal Tito, da Iugoslávia, “é uma ruptura histórica importante nas relações entre os países socialistas.” O Presidente da Romênia e chefe de partido Nicolae Ceausescu classificou-a de “um grande erro, uma séria ameaça para a paz.” Até mesmo a China, cujos dirigentes não pensariam em aceitar um Dubcek, aproveitou a oportunidade para criticar Moscou. “Este foi o exemplo mais descarado e típico da política de força fascista por parte da canalha soviética”, disse Chou En-lai, Primeiro-Ministro da China.

Dos 88 partidos comunistas do mundo, apenas 23 apoiaram a ação soviética, e muitos destes eram de países da Europa Oriental, situados ao alcance dos tanques soviéticos. Embora as nações do Pacto de Varsóvia que se juntaram aos soviéticos na invasão divulgassem comunicados oficiais de autocongratulações, os seus povos visivelmente não compartilharam esses sentimentos. Em Berlim Oriental, por exemplo, centenas de pessoas recusaram terminantemente o pedido dos trabalhadores do

dos dentro de ambulâncias da fábrica. Imediatamente elegeram não apenas um Comitê Central liberalizado, mas também um novo Presidium do Partido—expurgado de várias linhas-duras. Dubcek foi novamente designado chefe do Partido pelos delegados, os quais lançaram uma declaração em que se exigia que as forças soviéticas saíssem do país, sob ameaça de uma greve geral, caso não se retirassem.

Depois que a declaração foi irradiada pela cadeia radiofônica clandestina, toda a nação virtualmente parou de trabalhar durante uma hora ao meio-dia do dia seguinte. Fêz-se um silêncio mortal na sempre movimentada Praça Venceslau quan-

do as pessoas se retiraram, deixando os russos visivelmente deprimidos. Depois, a cidade irrompeu numa algazarra repentina, com as buzinas dos carros, os apitos das fábricas e o badalar dos sinos das igrejas.

Para Prender os Cordéis. O embaixador soviético em Praga, agindo como um vice-rei, tentou febrilmente organizar um governo praticável. Um homem-chave era o Presidente Ludvik Svoboda, o qual, como Chefe de Estado, poderia dar um cunho de legitimidade a um governo.

Svoboda voou para Moscou para negociações face a face com os chefes soviéticos. Com Brejnev dirigindo o ataque, os russos ordenaram a Svoboda que estabelecesse um re-

Partido para que assinassem manifestos de apoio à intervenção. Pelo contrário, dirigiram-se ao centro cultural tcheco, e lá depositaram flôres.

Dos governos comunistas situados fora do alcance dos canhões soviéticos, apenas três assinaram o apoio à ação soviética. Dois deles, o Vietname do Norte e Cuba, dependem maciçamente dos armamentos e da ajuda russa. O terceiro foi a Coréia do Norte. Todos os partidos comunistas da América Latina romperam com Moscou, com exceção do de Castro.

Pela primeira vez desde a sua fundação em 1920, o Partido Comunista Francês acusou a linha soviética, exprimindo “surpresa e reprovação”. O Partido Comunista Italiano, que obteve mais de um quarto dos votos nas últimas eleições nacionais, expressou “sério desacôrdo” com os russos. Na verdade, as reações mais exacerbadas partiram dos partidos comunistas da Europa Ocidental. Desde o início da década de 50, eles vêm tentando, com um êxito apenas razoável, convencer os eleitores de que um governo comunista não implica forçosamente a supressão dos adversários políticos ou a perda da liberdade. A Tchecoslováquia de Dubcek, se tivesse subsistido, teria sido o seu melhor exemplo. Disse um ex-embaixador europeu junto a Moscou: “Como instrumento da política exterior soviética, o comunismo está liquidado.”

—Time

gime fantoche anti-Dubcek. Se êle não obedecesse, a Tchecoslováquia seria submetida a castigos que fariam a violação da Hungria parecer suave.

Svoboda recusou-se a ceder. Num gesto dramático, colocou sôbre a mesa as medalhas soviéticas que ganhou como comandante da brigada tchecoslovaca que lutou ao lado do Exército Vermelho na Segunda Guerra Mundial e declarou que antes de ceder se suicidaria. Exigiu que Dubcek e os outros reformistas tivessem permissão de tomar parte nas conversações. Nessa altura, estavam chegando aos chefes soviéticos informações de que o povo tchecoslovaco se mostrava rebelde e apoiava inteiramente Dubcek. Em resultado disso, os chefes do Kremlin mudaram de tática. Se não podiam encontrar líderes fantoches, tentariam encontrar meios de prender seus cordéis aos velhos chefes.

Dubcek, Cernik e Smrkovsky foram levados para Moscou em aviões separados. Com a barba por fazer, sujos, as roupas rasgadas em alguns lugares, foram introduzidos no Kremlin para uma das sessões de negociações mais humilhantes da História. Os líderes tchecoslovacos tiveram de concordar com uma longa lista de exigências antes de os russos se dignarem fazer concessões tão pequenas como, por exemplo, a retirada das tropas dos centros comerciais das cidades.

Com uma crueldade calculada, os soviéticos colocaram Dubcek numa posição tal que suas únicas alterna-

tivas seriam destruir-se a si mesmo ou destruir as liberdades que êle defendia, com o sangue de seus compatriotas em suas mãos se escolhesse mal. Dubcek fêz a única escolha que realmente lhe restava.

As Trevas da Tirania. Por que, sabendo que o mundo certamente os condenaria, os chefes da Rússia decidiram finalmente usar os punhos em vez da flexibilidade? Êles devem ter concluído que a experiência da Tchecoslováquia ameaçava minar—e, mais cedo ou mais tarde, destruir—o comunismo leste-europeu.

A Polônia, a Hungria, a Alemanha Oriental eram tôdas suscetíveis de ser influenciadas pelo exemplo da Tchecoslováquia e corriam o risco de ir pelo mesmo caminho. E o perigo era tanto mais agudo quanto, dentro da Rússia, a juventude e os intelectuais—entre outros—pareciam eletrizados pelo espetáculo da reforma tchecoslovaca. (Quando começou a invasão, para evitar que a verdade chegasse ao seu próprio povo, os russos interferiram nas transmissões da “Voz da América” pela primeira vez em cinco anos.)

E assim, enquanto os dias se passavam, a hesitação inicial dos soviéticos evoluiu para uma eficiente e humilhante conquista. Uma a uma as débeis esperanças de liberdade que restavam à Tchecoslováquia bruxulearam e depois se apagaram na escuridão da tirania. Dubcek e seu govêrno foram devolvidos de Moscou vivos e intatos, mas só depois que concordaram em desmantelar

suas reformas democráticas. Os tanques russos retiraram-se dos centros das cidades da Tchecoslováquia, mas foram substituídos por sinistros agentes da polícia secreta que deveriam dirigir e controlar a vida do país. Os funcionários tchecoslovacos liberais viram-se removidos de seus postos, e de Moscou o *Pravda* exigia a “liquidação” de 40 000 “contra-revolucionários”.

As estações de rádio livres que animaram a Tchecoslováquia nos primeiros dias de invasão e incerteza

silenciaram, e foi instituída a censura do Estado. Os turistas e correspondentes estrangeiros eram obrigados a voltar das fronteiras. Começou um êxodo dos melhores professôres, artistas, escritores e jornalistas, que fugiam do país. Gradualmente, inexoravelmente, o pequeno país que durante oito meses havia prometido mostrar ao comunismo o caminho para o mundo moderno—e durante oito dias ousou desafiar os seus opressores—recaiu na idade das trevas de um estado policial stalinista.



Do HUMORISTA Stephen Leacock: “Admito francamente que sou o tipo de homem que nunca repararia num passarinho construindo seu ninho, a não ser que êle viesse construí-lo dentro do meu chapéu na chapelaria do clube.”

A VISTA da Biblioteca da Universidade de Victoria, em Toronto, levou Lester Pearson, ex-Primeiro-Ministro do Canadá, a contar a seguinte história sôbre seu alistamento na Primeira Guerra Mundial:

“Eu estava na biblioteca, em 1915, estudando um poeta latino, e de repente pensei: ‘A guerra não pode ser *assim* tão ruim!’ Então saí e me alistei.”

—John R. Beal, *Pearson of Canada* (Duell, Sloan and Pearce, ed.)



RECENTEMENTE meu marido foi intimado a comparecer perante um tribunal de infrações de tráfego. O homem à sua frente estava de pé perante o juiz, acusado de dirigir na contramão em uma rua de mão única. O juiz perguntou-lhe se tinha alguma coisa a dizer em sua defesa.

—Tenho—respondeu êle.—Mas sei que o senhor não acreditará.

—Fale—disse o juiz com aspereza.

—Bem—explicou êle—minha mulher disse: “Dobre aqui”, e eu dobrei.

Uma gargalhada geral reboou no tribunal.

—J. C. H.